

VESTIBULAR DA UNESP 2022 - 2ª FASE



Correção de Literatura



Professora Luana Signorelli

CORREÇÃO DO VESTIBULAR UNESP 2022 - 2ª FASE

19 DE DEZEMBRO DE 2021

Sumário

| | |
|--------------------------|----|
| APRESENTAÇÃO | 3 |
| QUESTÕES SEM COMENTÁRIOS | 3 |
| GABARITO | 6 |
| QUESTÕES COM COMENTÁRIOS | 7 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 12 |



Professora Luana Signorelli



/luana.signorelli



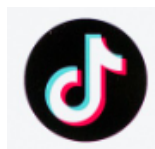
Professora Luana
Signorelli



@luana.signorelli



Luana Signorelli



@luanasignorelli1



APRESENTAÇÃO



Olá, alunos.

O meu nome é Luana. Sou Mestra em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília (UnB) e Doutoranda em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), **já qualificada**. Tenho 11 anos de experiência com revisão e padronização textual e 10 anos em curso pré-vestibular, tendo passado por instituições conhecidas e renomadas. Lembrem-se sempre de nosso lema:

“O segredo do sucesso é a constância no objetivo”.

Hoje, nós vamos corrigir o vestibular da **UNESP 2022 – 2ª fase**, mais especificamente 06 questões da disciplina de Literatura.

Então, vamos lá, não percam tempo!



QUESTÕES SEM COMENTÁRIOS

06. (UNESP/2022/2ª fase/Professora Luana Signorelli) Para responder às próximas 3 questões, leia o soneto de Luís de Camões.

Enquanto quis Fortuna¹ que tivesse
Esperança de algum contentamento,
O gosto de um suave pensamento²
Me fez que seus efeitos escrevesse.

Porém, temendo Amor³ que aviso desse
Minha escritura a algum juízo isento⁴,
Escureceu-me o engenho⁵ com tormento,
Para que seus enganos não dissesse.

Ó vós que Amor obriga a ser sujeitos
A diversas vontades, quando lerdos
Num breve livro casos tão diversos,

Verdades puras são, e não defeitos⁶,
E sabeis que, segundo o amor tiverdes,
Tereis o entendimento de meus versos.

(Luís de Camões. 20 sonetos, 2018.)



¹Fortuna: entidade mítica que presidia a sorte dos homens.

²suave pensamento: sentimento amoroso.

³Amor: entidade mítica que personifica o amor.

⁴juízo isento: os inocentes do amor, aqueles que nunca se apaixonaram.

⁵engenho: talento poético, inspiração.

⁶defeitos: inverdades, fantasia.

No soneto, Amor teme que

- a) o eu lírico perca sua inspiração.
- b) a poesia do eu lírico não seja sincera.
- c) a poesia do eu lírico não seja compreendida.
- d) o eu lírico esqueça sua amante.
- e) o eu lírico divulgue seus enganos.

07. (UNESP/2022/2ª fase/Professora Luana Signorelli) Segundo o eu lírico, Amor torna os amantes

- a) mesquinhos.
- b) melancólicos.
- c) submissos.
- d) imprudentes.
- e) insensatos.

08. (UNESP/2022/2ª fase/Professora Luana Signorelli) No soneto, o eu lírico dirige-se, mediante vocativo,

- a) àqueles que não entendem seus versos.
- b) a Amor.
- c) àqueles que nunca se apaixonaram.
- d) aos amantes.
- e) a Fortuna.

09. (UNESP/2022/2ª fase/Professora Luana Signorelli) Para responder às próximas 2 questões, leia a crônica “Elegia do Guandu”, de Carlos Drummond de Andrade, publicada originalmente em 2 de novembro de 1974.

E se reverenciássemos neste 2 de novembro os mortos do Guandu, que descem a correnteza, a caminho do mar — o mar que eles não alcançam, pois encalham na areia das margens, e os urubus os devoram?

Perdoai se apresento matéria tão feia, em dia de flores consagradas aos mortos queridos. Estes não são amados de ninguém, ou o são de mínima gente. Seus corpos, não há quem os reclame, de medo ou seja lá pelo que for.

Se algum deles tem sorte de derivar pela restinga da Marambaia e ali é recolhido por pescadores — ah, peixe menos desejado — ganha sepultura anônima, que a piedade dos humildes providencia. Mas não é prudente pescar mortos do Guandu: há sempre a perspectiva de interrogatórios que fazem



perder o dia de trabalho, às vezes mais do que isso: a liberdade, que se confisca aos suspeitos e aos que explicam mal suas pescarias macabras.

São marginais caçados pela polícia ou por outros marginais, são suicidas, são acidentados? Difícil classificá-los, se não trazem a marca registrada dos trucidadores ou estes sinais: mãos amarradas, amarrado de vários corpos, pesos amarrados aos pés. Estes últimos são mortos fáceis de catalogar, embora só se lhes vejam as cabeças em rodopio à flor d'água, mas os que vêm boiando e fluindo, fluindo e boiando, em sonho aquático deslizante, estes desesperaram da vida, ou a vida lhes faltou de surpresa?

Os mortos vão passando, procissão falhada. Eis desce o rio um lote de seis, uns aos outros ligados pela corda fraternizante. É espetáculo para se ver da janela de moradores de Itaguaí, assistentes ribeirinhos de novela de espaçados capítulos. Ver e não contar. Ver e guardar para conversas íntimas:

— Ontem, na tintura da madrugada, passaram três *garrafinhas*. Eu vi, chamei a Teresa pra espiar também...

Garrafinhas chamam-se eles, os trucidados com chumbo aos pés, e não mais como ficou escrito em livros de cartório. O *garrafinha* nº 1 não é diferente do *garrafinha* nº 2 ou 3. Foram todos nivelados pelo Guandu. Como frascos vazios, de pequeno porte e nenhuma importância, lá vão rio abaixo, Nova Iguaçu abaixo, rumo do esquecimento das garrafas dos crimes que cometeram ou não cometeram, ou dos crimes que neles foram cometidos.

[...]

O Guandu não responde a inquéritos nem a repórteres. Não distingue, carrega. Não comenta, não julga, não reclama se lhe corrompem as águas; transporta. Em sua impessoalidade serve a desígnios vários, favorece a vida que quer se desembaraçar da morte, facilita a morte que quer se libertar da vida. Pela justiça sumária, pelo absurdo, pelo desespero.

Mas não é ao Guandu que cabe dedicar uma elegia, é aos mortos do Guandu, nos quais ninguém pensa no dia de pensar os e nos mortos. Os criminosos, os não criminosos, os que se destruíram, os que resvalaram. Mortos sem sepultura e sem lembrança. Trágicos e apagados deslizantes na correnteza. Passageiros do Guandu, apenas e afinal.

(Carlos Drummond de Andrade. *Os dias lindos*, 2013.)

Pode-se apontar na crônica um teor, sobretudo,

- a) metalinguístico.
- b) paródico.
- c) crítico.
- d) satírico.
- e) fantástico.

10. (UNESP/2022/2ª fase/Professora Luana Signorelli) O cronista dirige-se explicitamente a seu leitor no trecho:

- a) “São marginais caçados pela polícia ou por outros marginais, são suicidas, são acidentados?” (4º parágrafo)
- b) “Perdoai se apresento matéria tão feia, em dia de flores consagradas aos mortos queridos.” (2º parágrafo)
- c) “— Ontem, na tintura da madrugada, passaram três *garrafinhas*. Eu vi, chamei a Teresa pra espiar também...” (6º parágrafo)
- d) “Não comenta, não julga, não reclama se lhe corrompem as águas; transporta.” (8º parágrafo)



e) “Mas não é ao Guandu que cabe dedicar uma elegia, é aos mortos do Guandu, nos quais ninguém pensa no dia de pensar os e nos mortos.” (9º parágrafo)

12. (UNESP/2022/2ª fase/Professora Luana Signorelli)

Sem dúvida, o capital não tem pátria, e é esta uma das suas vantagens universais que o fazem tão ativo e irradiante. Mas o trabalho que ele explora tem mãe, tem pai, tem mulher e filhos, tem língua e costumes, tem música e religião. Tem uma fisionomia humana que dura enquanto pode. E como pode, já que a sua situação de raiz é sempre a de falta e dependência.

Narrar a necessidade é perfazer a forma do ciclo. Entre a consciência narradora, que sustém a história, e a matéria narrável, sertaneja, opera um pensamento desencantado, que figura o cotidiano do pobre em um ritmo pendular: da chuva à seca, da folga à carência, do bem-estar à depressão, voltando sempre do último estado ao primeiro. É a narração, que se quer objetiva, da modéstia dos meios de vida registrada na modéstia da vida simbólica.

(Alfredo Bosi. Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica, 2003. Adaptado.)

O comentário aplica-se com precisão à obra

- a) *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.
- b) *Macunaíma*, de Mário de Andrade.
- c) *Os sertões*, de Euclides da Cunha.
- d) *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.
- e) *A hora da estrela*, de Clarice Lispector.

GABARITO

GABARITO



- 06) E
- 07) C
- 08) D
- 09) C
- 10) B
- 12) A



QUESTÕES COM COMENTÁRIOS

06. (UNESP/2022/2ª fase/Professora Luana Signorelli) Para responder às próximas 3 questões, leia o soneto de Luís de Camões.

Enquanto quis Fortuna¹ que tivesse
Esperança de algum contentamento,
O gosto de um suave pensamento²
Me fez que seus efeitos escrevesse.

Porém, temendo Amor³ que aviso desse
Minha escritura a algum juízo isento⁴,
Escureceu-me o engenho⁵ com tormento,
Para que seus enganos não dissesse.

Ó vós que Amor obriga a ser sujeitos
A diversas vontades, quando lerdos
Num breve livro casos tão diversos,

Verdades puras são, e não defeitos⁶,
E sabeis que, segundo o amor tiverdes,
Tereis o entendimento de meus versos.

(Luís de Camões. 20 sonetos, 2018.)

¹Fortuna: entidade mítica que presidia a sorte dos homens.

²suave pensamento: sentimento amoroso.

³Amor: entidade mítica que personifica o amor.

⁴juízo isento: os inocentes do amor, aqueles que nunca se apaixonaram.

⁵engenho: talento poético, inspiração.

⁶defeitos: inverdades, fantasia.

No soneto, Amor teme que

- a) o eu lírico perca sua inspiração.
- b) a poesia do eu lírico não seja sincera.
- c) a poesia do eu lírico não seja compreendida.
- d) o eu lírico esqueça sua amante.
- e) o eu lírico divulgue seus enganos.

Comentários

Questão de interpretação de texto literário.

Alternativa A: incorreta. Não é a inspiração que está em jogo.

Alternativa B: incorreta. O Amor teme que o eu lírico dissemine seus desenganos, mas isso não significa necessariamente que com isso sua poesia seja insincera.

Alternativa C: incorreta. A compreensão não é o que o Amor teme.

Alternativa D: incorreta. Tal amante não é mencionada no poema.

Alternativa E: correta – gabarito. O que se infere do último verso do segundo quarteto, "Para que seus enganos não dissesse", oração que inclusive indica ideia semântica de finalidade.

Gabarito: E.



07. (UNESP/2022/2ª fase/Professora Luana Signorelli) Segundo o eu lírico, Amor torna os amantes

- a) mesquinhos.
- b) melancólicos.
- c) submissos.
- d) imprudentes.
- e) insensatos.

Comentários

Questão de interpretação de texto literário/semântica.

Alternativa A: incorreta. Não necessariamente; torna-se os cego, mas não ruins.

Alternativa B: incorreta. Melancolia é um estado depressivo de saudade, o que não vem ao caso.

Alternativa C: correta – gabarito. O que se infere do verso: "Ó vós que Amor obriga a ser sujeitos".

Nesse contexto, "submissos" é um termo sinônimo de "sujeitos".

Alternativa D: incorreta. "Imprudente" é sinônimo de inconsequente.

Alternativa E: incorreta. "Insensato" é sinônimo de doido, insano, alguém que não está no juízo perfeito.

Gabarito: C.

08. (UNESP/2022/2ª fase/Professora Luana Signorelli) No soneto, o eu lírico dirige-se, mediante vocativo,

- a) àqueles que não entendem seus versos.
- b) a Amor.
- c) àqueles que nunca se apaixonaram.
- d) aos amantes.
- e) a Fortuna.

Comentários

Questão de interpretação de texto literário/Gramática aplicada à Literatura.

Alternativa A: incorreta. Pelo contrário: dirige-se àqueles capazes de entender seus versos, já que também amam.

Alternativa B: incorreta. O Amor é o tema do poema, não o destinatário.

Alternativa C: incorreta. Pelo contrário: aos que estão amando.

Alternativa D: correta – gabarito. No verso "Ó vós que Amor obriga a ser sujeitos", o pronome "vós" se refere aos amantes, ou seja, aqueles que estão submissos.

Alternativa E: incorreta. Não se dirige diretamente a ela, apenas a evoca no primeiro quarteto.

Gabarito: D.

09. (UNESP/2022/2ª fase/Professora Luana Signorelli) Para responder às próximas 2 questões, leia a crônica "Elegia do Guandu", de Carlos Drummond de Andrade, publicada originalmente em 2 de novembro de 1974.

E se reverenciássemos neste 2 de novembro os mortos do Guandu, que descem a correnteza, a caminho do mar — o mar que eles não alcançam, pois encalham na areia das margens, e os urubus os devoram?



Perdoai se apresento matéria tão feia, em dia de flores consagradas aos mortos queridos. Estes não são amados de ninguém, ou o são de mínima gente. Seus corpos, não há quem os reclame, de medo ou seja lá pelo que for.

Se algum deles tem sorte de derivar pela restinga da Marambaia e ali é recolhido por pescadores — ah, peixe menos desejado — ganha sepultura anônima, que a piedade dos humildes providencia. Mas não é prudente pescar mortos do Guandu: há sempre a perspectiva de interrogatórios que fazem perder o dia de trabalho, às vezes mais do que isso: a liberdade, que se confisca aos suspeitos e aos que explicam mal suas pescarias macabras.

São marginais caçados pela polícia ou por outros marginais, são suicidas, são acidentados? Difícil classificá-los, se não trazem a marca registrada dos trucidadores ou estes sinais: mãos amarradas, amarrado de vários corpos, pesos amarrados aos pés. Estes últimos são mortos fáceis de catalogar, embora só se lhes vejam as cabeças em rodopio à flor d'água, mas os que vêm boiando e fluindo, fluindo e boiando, em sonho aquático deslizante, estes desesperaram da vida, ou a vida lhes faltou de surpresa?

Os mortos vão passando, procissão falhada. Eis desce o rio um lote de seis, uns aos outros ligados pela corda fraternizante. É espetáculo para se ver da janela de moradores de Itaguaí, assistentes ribeirinhos de novela de espaçados capítulos. Ver e não contar. Ver e guardar para conversas íntimas:

— Ontem, na tintura da madrugada, passaram três *garrafinhas*. Eu vi, chamei a Teresa pra espiar também...

Garrafinhas chamam-se eles, os trucidados com chumbo aos pés, e não mais como ficou escrito em livros de cartório. O *garrafinha* nº 1 não é diferente do *garrafinha* nº 2 ou 3. Foram todos nivelados pelo Guandu. Como frascos vazios, de pequeno porte e nenhuma importância, lá vão rio abaixo, Nova Iguaçu abaixo, rumo do esquecimento das garrafas dos crimes que cometeram ou não cometeram, ou dos crimes que neles foram cometidos.

[...]

O Guandu não responde a inquéritos nem a repórteres. Não distingue, carrega. Não comenta, não julga, não reclama se lhe corrompem as águas; transporta. Em sua impessoalidade serve a desígnios vários, favorece a vida que quer se desembaraçar da morte, facilita a morte que quer se libertar da vida. Pela justiça sumária, pelo absurdo, pelo desespero.

Mas não é ao Guandu que cabe dedicar uma elegia, é aos mortos do Guandu, nos quais ninguém pensa no dia de pensar os e nos mortos. Os criminosos, os não criminosos, os que se destruíram, os que resvalaram. Mortos sem sepultura e sem lembrança. Trágicos e apagados deslizantes na correnteza. Passageiros do Guandu, apenas e afinal.

(Carlos Drummond de Andrade. Os dias lindos, 2013.)

Pode-se apontar na crônica um teor, sobretudo,

- a) metalinguístico.
- b) paródico.
- c) crítico.
- d) satírico.
- e) fantástico.

Comentários

Questão de interpretação de texto literário/semântica.

Alternativa A: incorreta. Metalinguagem é o procedimento de algo se remeter a si próprio. Na crônica, não há reflexão sobre a linguagem ou sobre o próprio fazer literário.

Alternativa B: incorreta. Paródia é a imitação de uma matriz original. Foi muito utilizada na primeira geração modernista, mas não nesta crônica.



Alternativa C: correta – gabarito. A crônica faz uma crítica em relação a pessoas socialmente invisíveis. Diante de tal apagamento, o narrador convida as pessoas para se lembrarem dos mortos de Gandu, a quem geralmente não costumamos prestar atenção nem mesmo no dia de finados (2 de novembro).

Alternativa D: incorreta. **Cuidado:** a sátira é um gênero advindo da Antiguidade Clássica. É conhecida por ser crítica, mas também jocosa, e não se observa tal comicidade na crônica, apenas ironia.

Alternativa E: incorreta. A crônica não se remete ao maravilhoso ou a um plano sobrenatural, mas sim à realidade dura e brutal de mortos esquecidos.

Gabarito: C.

10. (UNESP/2022/2ª fase/Professora Luana Signorelli) O cronista dirige-se explicitamente a seu leitor no trecho:

- a) “São marginais caçados pela polícia ou por outros marginais, são suicidas, são acidentados?” (4º parágrafo)
- b) “Perdoai se apresento matéria tão feia, em dia de flores consagradas aos mortos queridos.” (2º parágrafo)
- c) “— Ontem, na tintura da madrugada, passaram três garrafinhas. Eu vi, chamei a Teresa pra espiar também...” (6º parágrafo)
- d) “Não comenta, não julga, não reclama se lhe corrompem as águas; transporta.” (8º parágrafo)
- e) “Mas não é ao Guandu que cabe dedicar uma elegia, é aos mortos do Guandu, nos quais ninguém pensa no dia de pensar os e nos mortos.” (9º parágrafo)

Comentários

Questão de interpretação de texto literário/Gramática aplicada à Literatura.

Alternativa A: incorreta. O ponto de vista está na terceira pessoa do plural (verbo "são"). Nessa passagem, há reflexões que conduzem à crítica social.

Alternativa B: correta – gabarito. No caso, o verbo "perdoar" está conjugado na segunda pessoa do plural do imperativo afirmativo, marcando, portanto, a situação de interlocução.

Alternativa C: incorreta. Trata-se de discurso direto, consistindo na fala de uma personagem.

Alternativa D: incorreta. O foco narrativo está na terceira pessoa do singular.

Alternativa E: incorreta. O trecho não apresenta intromissão do narrador, mas sim representa a síntese de sua crítica, o que também explica o título da crônica: elegia é uma homenagem. O narrador se propõe a lembrar dos mortos de Gandu, gente que costuma não ser lembrada nem mesmo no dia de finados, com isso superando o descaso que geralmente é atrelado a eles.

Gabarito: B.

12. (UNESP/2022/2ª fase/Professora Luana Signorelli)

Sem dúvida, o capital não tem pátria, e é esta uma das suas vantagens universais que o fazem tão ativo e irradiante. Mas o trabalho que ele explora tem mãe, tem pai, tem mulher e filhos, tem língua e costumes, tem música e religião. Tem uma fisionomia humana que dura enquanto pode. E como pode, já que a sua situação de raiz é sempre a de falta e dependência.

Narrar a necessidade é perfazer a forma do ciclo. Entre a consciência narradora, que sustém a história, e a matéria narrável, sertaneja, opera um pensamento desencantado, que figura o cotidiano do pobre em um ritmo pendular: da chuva à seca, da folga à carência, do bem-estar à depressão,



voltando sempre do último estado ao primeiro. É a narração, que se quer objetiva, da modéstia dos meios de vida registrada na modéstia da vida simbólica.

(Alfredo Bosi. Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica, 2003. Adaptado.)

O comentário aplica-se com precisão à obra

- a) *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.
- b) *Macunaíma*, de Mário de Andrade.
- c) *Os sertões*, de Euclides da Cunha.
- d) *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.
- e) *A hora da estrela*, de Clarice Lispector.

Comentários

Questão de crítica literária/conhecimento de movimentos artístico-literários.

Alternativa A: correta – gabarito. "Vidas secas" (1938) é um romance da segunda geração modernista brasileira. Narra a história de Fabiano e sua família, composta pela mãe (Sinhá Vitória), pelos filhos (menino mais velho e mais novo) e até pela cachorra Baleia. Representa o drama do retirante nordestino que sofre com as vulnerabilidades sociais e frequentemente está a mercê dos outros, em relações de dependência, como Fabiano com seu patrão. O romance assume **estrutura cíclica**, já que começa e termina com a seca: o primeiro capítulo se chama "Mudança" e o último "Fuga".

Alternativa B: incorreta. "Macunaíma" (1928) é um romance da primeira geração modernista, conhecido pela suas técnicas vanguardistas, especialmente a fragmentação a partir do cubismo. O subtítulo da obra, "um herói sem nenhum caráter", evidencia que a principal preocupação do livro é a da construção da identidade nacional, a partir da mescla étnica (de caracteres) no protagonista Macunaíma, ao mesmo tempo, negro, branco e índio. Trata-se do conceito da **antropofagia**.

Alternativa C: incorreta. "Os sertões" (1902) é uma obra pré-modernista. É regionalista, pois narra o conflito da Guerra de Canudos no interior do Estado da Bahia, a partir da visão biográfica do próprio autor, mas não se concentra na representação de uma família.

Alternativa D: incorreta. "Grande sertão: veredas" (1956) é um romance modernista da terceira geração. Riobaldo Tatarana recebe essa alcunha, porque ele era muito bom de mira, sendo o melhor atirador do bando. Ele compõe um grupo de jagunços chamado Urutu-Branco, que luta contra o de Hermógenes em um combate mortal, no qual Diadorim morre. O romance se estrutura no diálogo de Riobaldo com um médico. É uma obra cíclica, que começa com a expressão "Nonada" e termina com o símbolo do infinito, mas não se concentra no drama familiar.

Alternativa E: incorreta. "A hora da estrela" (1977) é uma novela da terceira geração modernista. Não se trata de uma obra regionalista, mas sim intimista e urbana. Narra o drama existencial de Macabéa, uma nordestina que vai tentar a vida de datilógrafa no Rio de Janeiro.

Gabarito: A.



CONSIDERAÇÕES FINAIS



Eu me coloco à disposição de vocês para sanar eventuais dúvidas.

Tenho a meta de responder ao Fórum de Dúvidas, com a qualidade e profundidade exigidas, assim como podem me encontrar em redes sociais. E agora também temos **Sala VIP**.

| Versão | Data | Modificações | Professora |
|--------|------------|--------------------------------------|------------------|
| 1 | 19/12/2021 | Entrega da primeira versão do texto. | Luana Signorelli |



Professora Luana Signorelli



/luana.signorelli



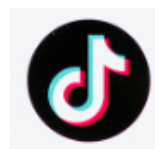
Professora Luana
Signorelli



@luana.signorelli



Luana Signorelli



@luanasignorelli1

